

Tomás Eloy Martínez e as (des)memórias de Juan Domingo Perón*

Tomás Eloy Martínez and the (des)memories of Juan Domingo Perón

André Luis Mitidieri
Letícia Batista Guimarães
Luciana Helena Cajas Mazzutti
Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus – Bahia – Brasil



Resumo: O presente artigo centra-se em *Las memorias del General* (1996) e *Las vidas del General* (2004), do ficcionista e jornalista argentino Tomás Eloy Martínez, enfatizando o sujeito do enunciado e o referente histórico. Apresentamos as reformulações julgadas significativas entre a primeira e a segunda dessas edições, antes de procedermos à análise do papel desempenhado pela memória, pela narrativa e pela reescrita do eu nos artigos que as compõem: 1) “*Las memorias de Puerta de Hierro*”; 2) “*Días de exilio en Madrid*”; 3) “*Perón y sus novelas*”. A voz autobiográfica do ex-presidente da Argentina, impressa nas entrevistas concedidas a Martínez, passa pelas reavaliações do autor no primeiro artigo, deposita-se residualmente no segundo texto, de caráter biográfico, e se une à própria voz autobiográfica do escritor no terceiro e nos paratextos dos livros analisados, em processo que permite notar as fronteiras contíguas entre narrativas memorialísticas, biográficas, históricas e autobiográficas.

Palavras-chave: Autobiografia; Biografia; Memórias; Peronismo; Tomás Eloy Martínez

Abstract: This paper focuses *Las memorias del General* (1996) and *Las vidas del General* (2004), written by the Argentine novelist and journalist Tomás Eloy Martínez, reinforcing the subject of enunciation and the historical referent. Here are some of the reformulations we consider significant between the first and the second of these books, before proceeding to the analysis of the role played by memory, narrative and rewriting of the self in the articles which are present in both editions: 1) “*Las memorias de Puerta de Hierro*”; 2) “*Días de exilio en Madrid*”; 3) “*Perón y sus novelas*”. The autobiographical voice of the former president of Argentina, printed in interviews he granted to Martínez, faces the critical considerations and reassessments of the author in the first item listed, it remains in the second text, featured as biographical, and joins the autobiographical writer’s own voice, in the third one and in paratexts of the analyzed books, in a process that allows us to note the adjacent borderlines between memorialistic, biographical, historical and autobiographical narratives.

Keywords: Autobiography; Biography; Memories; Peronism; Tomás Eloy Martínez

Em constante diálogo com a antropologia, a história, a sociologia e outras áreas do conhecimento humano, os encaminhamentos teóricos e analíticos da crítica, da história e da teoria literária vêm buscando estudar e compreender os registros da memória, dentre esses, os

escritos (auto)biográficos produzidos às margens da história oficial. Assim faz o jornalista e ficcionista Tomás Eloy Martínez, por intermédio de práticas narrativas que envolvem a seleção, a descrição e a análise de uma trajetória individual como forma de apreensão do passado coletivo. Sua escrita biográfica e autobiográfica intercala-se às memórias do ex-presidente argentino Juan Domingo Perón, permitindo lançar novas visadas a histórias ocultas que, em parte, recuperadas do esquecimento e do silêncio, perfazem o lapso temporal compreendido desde a ascensão do populismo peronista, na década de 1940, às ditaduras militares dos anos 1970.

* Este artigo resulta dos projetos de pesquisa “A escrita memorialística de Tomás Eloy Martínez” e “Peronismo e autoritarismo nas representações de Tomás Eloy Martínez”, bem como das discussões empreendidas no Grupo de Pesquisa O Espaço Biográfico no Horizonte da Literatura (CNPq), sediado na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Uma versão abreviada do mesmo trabalho foi publicada no segundo número do periódico *Vozes do Vale*, sem classificação no sistema QUALIS/CAPES.

Quando observamos o conjunto de representações sobre a sociedade argentina, figuras utilizadas para falar do país ou em seu nome parecem referendar uma tradição polemista, típica das sociedades hispânicas (cf. MATTOS, 2003). Palavras como “peronismo” e “antiperonismo”, “civilização” e “barbárie”, foram empregadas para ilustrar a geografia de campos de batalha “simbolicamente argentinos”, nos quais estabeleceram os conteúdos da cultura nacional, bem como as peculiaridades sociais de seus intérpretes (cf. NEIBURG, 1997:14). *Maestro de reporteros*, Martínez foge a essa lógica bipolar, buscando desvestir o peronismo de ódios ou amores desmedidos. A obsessão pela temática, verificada nos romances *La novela de Perón* (1985) e *Santa Evita* (1995), reafirma-se em livros cujos capítulos se integram por artigos jornalísticos de caráter memorialístico, biográfico, histórico e, em parte, autobiográfico: *Las memorias del General* (1996b) e *Las vidas del General: memorias del exilio y otros textos sobre Juan Domingo Perón* (2004).

A primeira dessas coletâneas origina-se a partir de um texto publicado na revista *Panorama*, em 14 de abril de 1970, reeditado ao final do livro: “*Las memorias del semanario Panorama*” (MARTÍNEZ, 1996b:195-218). O jornalista retoma o trabalho, preenchendo suas lacunas a partir de cuidadosa investigação que realiza no ano de 1971. As alterações não contam com o aval do ex-presidente argentino, de modo que o texto reescrito é publicado após sua morte no primeiro capítulo de *Las memorias del General* (MARTÍNEZ, 1996b) que, intitulado “*Las memorias de Puerta de Hierro*” (MARTÍNEZ, 1996b:17-70), alude ao bairro onde se situa a Quinta 17 de Octubre, residência que abrigava seu exílio madrilense. Seguem-se anexos comprobatórios da pesquisa, em apêndice nomeado como “*Documentos*” (MARTÍNEZ, 1996b:71-126).¹

A mesma coletânea passa a ser intitulada *Las vidas del General: memorias del exilio y otros textos sobre Juan Domingo Perón* (MARTÍNEZ, 2004) em nova edição, acrescida de um prólogo (MARTÍNEZ, 2004:9-15) no qual o autor infere, dentre outras considerações, que a denominação anterior

restringia seu conteúdo à história de vida que Juan Perón me ditou durante quatro dias de março de 1970 e que aprovou logo como suas memórias canônicas. Entretanto, o propósito daquela obra era assinalar também as desmemórias da personagem, e temo que, influenciados pelo equívoco do título, alguns leitores não o tenham notado.²

O escritor informa que, na nova versão, insere dois outros capítulos: “*Perón y sus novelas*” (MARTÍNEZ, 2004:123-134) e “*La tumba sin sosiego*” (2004:135-170). No primeiro deles, apresenta suas reflexões sobre como

transforma as “desmemórias” do General e o frustrado projeto de uma biografia na obra literária *La novela de Perón* (1985). Já o segundo artigo trata das desventuras do cadáver de Eva Perón, mesmo tema da narrativa ficcional *Santa Evita* (1995). Reiterando os vínculos entre *Las memorias del General* e o primeiro dos romances mencionados, o intelectual argentino afirma que prepara *Las vidas del General* esperando, talvez inutilmente, que dialogue com todas as ficções que ele havia escrito sobre o peronismo e possam encerrá-las: “Com resignação, fatigado, notei que o passado dessas ficções se parece cada vez menos comigo, e cada vez mais com as personagens que o habitam”.³ No mesmo prólogo, diz suprimir o que considera um pleonasma: o capítulo “*Las memorias del semanario Panorama*” (1996b:195-218). Mais adiante, fornece informações a respeito de quatro outros textos que, constantes na edição anterior, agora voltam a ser publicados.

O prefácio utilizado em *Las memorias del General* passa a servir de introdução ao capítulo “*Las memorias de Puerta de Hierro*” de *Las vidas del General* (MARTÍNEZ, 2004:13-122). Dentre outras mudanças que ocorrem nesse paratexto, importa mencionar o fragmento no qual o jornalista afirma restaurar os diálogos de *Puerta de Hierro* na ordem e do modo como sucederam quando, na edição precedente, dizia respeitar e, ao mesmo tempo, sublevar-se contra a vontade de Perón. Outra alteração, menos significativa, refere-se à omissão de que o corpo completo das “memórias” se originou daqueles diálogos. Na versão posterior, é também suprimida a seguinte frase: “*Tudo o que eu disse está composto em letras [VERSAIS MINÚSCULAS]*”.⁴

A nova edição ainda elimina os dois últimos parágrafos do prefácio, bem como sua datação, os quais integravam a coletânea de 1996, e são logo citados:

O delta das ‘Memórias engendrou quase todos os outros textos deste livro. Dois deles, ‘Días de exilio en Madrid’ e outro título mais árduo – ‘Ascenso, triunfo,

¹ O documento n. 20, constante nessa seção de *Las memorias del General* (MARTÍNEZ, 1996b: 116-119), é eliminado da coletânea *Las vidas del General*. Trata-se do informe sobre uma bomba que destruiu o carro de Perón em 1957, quando de seu exílio em Caracas. Ao contrário do que afirmava Perón, o explosivo não teria sido colocado no veículo pela embaixada da Argentina na Venezuela e sim pelo chefe do Serviço de Inteligência daquele país.

² “*restringía su contenido a la historia de vida que Juan Perón me dictó durante cuatro días de marzo de 1970 y que aprobó luego como sus memorias canónicas. Pero el propósito de aquella obra era señalar también las desmemorias del personaje, y me temo que, influidos por el equívoco del título, algunos lectores no lo hayan advertido*” (MARTÍNEZ, 2004:11).

³ “*Con resignación, con fatiga, he notado que el pasado de esas ficciones se parece a mí cada vez menos, y cada vez más a los personajes que lo habitan*” (MARTÍNEZ, 2004:12).

⁴ “*Todo lo que yo dije está compuesto en letras [VERSALES MENUDAS]*” (MARTÍNEZ, 1996b:15).

decadencia y derrota de José López Rega’ – nasceram como fragmentos da biografia de Perón que comecei a escrever em 1974, como suspeita de que esse gênero podia derivar em um livro inverossímil. Ambos adolecem de uma paixão documental talvez excessiva. ‘El miedo de los argentinos’ é um testemunho pessoal que se publicou, com alterações, como suplemento de um jornal de Buenos Aires. ‘Perón y los nazis’ foi, em sua origem, uma apresentação acadêmica: o delata pelo abuso de notas e a ânsia de provar que cada dado é verdadeiro.

Cada um dos dados deste livro tem um documento, uma carta, uma fita gravada que avaliza sua veracidade. Nos incertos anos em que estas páginas foram escritas, a ilusão de verdade era tudo o que os argentinos, podíamos levar de um lado a outro e talvez a única coisa da qual não fomos despojados.

Highland Park, setembro de 1995⁵.

O enredo de “Las memorias de Puerta de Hierro” se inicia em uma manhã de fevereiro de 1970, quando o jornalista, então correspondente da editora Abril na Europa, entra em contato por telefone com Perón, solicitando uma entrevista que relate sua vida desde o princípio. Os depoimentos, em geral, lidos pelo secretário do General, José López Rega, apenas podem ser coletados a partir do final de março. Às vezes, o ex-presidente incorpora digressões ao relato e preenche os vazios dos textos lidos pelo seu porta-voz que, outras vezes, corrige as recordações ou as enfeita; “[...] apoderava-se da conversa e fingia ser Perón. Em certos momentos, falava como Perón. Não imitava sua voz rascante nem a ênfase de seu discurso. Ia mais além: dizia ‘eu’ quando esse eu era o de seu chefe⁶.

É por isso que toda a narrativa correspondente à voz do “Brujo”, inclusive os parágrafos que Perón lhe manda ler, aparecem em itálico, a fim de “separar essa voz da do General e evitar as confusões de um eu que se ascende sobre outro”⁷. López Rega chega ao ponto de descrever a si próprio acompanhando seu chefe

ao velório de Bartolomé Mitre, em 1906, o que era virtualmente impossível porque o mordomo havia nascido em 1916. Tanto Fernández Moreno como eu o interrompemos para advertir Perón sobre o anacronismo. López Rega insistiu em que o fato ilógico era também verdadeiro, e o General não o desaprovou⁸.

“Las memorias de Puerta de Hierro” deveria dar conta da vida de Perón, desde a infância até a chegada ao poder, mas assinala também as “desmemórias da personagem”, como sabemos, preenchidas pela voz d’*El Brujo*. O memorialista esquivava-se das histórias que dizem respeito à intimidade ou à vida sentimental. Dessa forma, omite sua condição de filho natural no primeiro

subcapítulo das “memórias”, “*Antepasados*”. A cuidadosa investigação levada a cabo por Martínez, registrada com provas e testemunhos, e comentada entre as páginas 74-122 do livro em análise, dá conta de que a certidão de nascimento do ex-presidente

não figura em seu dossiê militar e, em uma certidão de batismo que se deu a conhecer depois de 1955, figura como ‘filho natural’, mas esse documento tem tantas marcas de rasuras e raspões que somente pode ser invocado com reservas. A única prova plena da origem ilegítima de Perón – que iria marcá-lo com um irremovível ressentimento contra a mãe – é a certidão de casamento que se transcreve a continuação e cuja cópia notariada está em meus arquivos⁹.

Embora declarados como memórias, os relatos de Perón se organizam à maneira das antigas “Vidas”, antecessoras do gênero biográfico, mais especificamente, ao modo de Plutarco. É de tal forma que o protagonista, em meio às narrações de Martínez e López Rega, narra a si mesmo como um sujeito cujos auge e fim da vida dão acabamento a um caráter já anteriormente revelado: o do firme líder militar, a quem seria confiada a condução dos destinos de seu país. Interessa destacar os três livros apresentados pelo pai ao então recém-formado subtenente: “as cartas a seu filho e a seu afilhado, de Philip Stanhope, conde de Chesterfield; as *Vidas paralelas*, de Plutarco na

⁵ “El delta de las ‘Memorias’ engendró casi todos los otros textos de este libro. Dos de ellos, ‘Días de exilio en Madrid’ e otro título más arduo – ‘Ascenso, triunfo, decadencia y derrota de José López Rega’ – nacieron como fragmentos de la biografía de Perón que comencé a escribir en 1974, con la sospecha de que ese género podía derivar en un libro inverosímil. Ambos adolecen de una pasión documental quizás excesiva. ‘El miedo de los argentinos’ es un testimonio personal que se publicó, con alteraciones, como suplemento de un diario de Buenos Aires. ‘Perón y los nazis’ fue, en su origen, una presentación académica: lo delata el abuso de notas y el afán de probar que cada dato es verdadero.

Cada uno de los datos de este libro tiene un documento, una carta, una cinta grabada que avala su veracidad. En los inciertos años en que estas páginas fueron escritas, la ilusión de verdad era todo lo que los argentinos, podíamos llevar de un lado a otro y tal vez lo único de lo que no fuimos despojados. Highland Park, septiembre de 1995” (MARTÍNEZ, 1996b: 15).

⁶ “[...] se apoderaba de la conversación y fingía ser Perón. En ciertos momentos, hablaba como Perón. No imitaba su voz cascada ni el énfasis de su discurso. Iba más allá: decía ‘yo’ cuando ese yo era el de su jefe” (MARTÍNEZ, 2004:17).

⁷ “separar esa voz de la del General y evitar las confusiones de un yo que se encarama sobre otro” (MARTÍNEZ, 2004:20).

⁸ “al velorio de Bartolomé Mitre, en 1906, lo que era virtualmente imposible porque el mayordomo había nacido en 1916. Tanto Fernández Moreno como yo lo interrumpimos para advertir a Perón sobre el anacronismo. López Rega insistió en que el hecho ilógico era también verdadero, y el General no lo desaprobó” (MARTÍNEZ, 2004:17).

⁹ “no figura en su legajo militar y, en una fe de bautismo que se dio a conocer después de 1955 figura como ‘hijo natural’, pero ese documento tiene tantas huellas de tachaduras y raspones que sólo puede ser invocado con reservas. La única prueba plena del origen ilegítimo de Perón – que iba a marcarlo con un ilevantable resentimiento contra la madre – es el acta de casamiento que se transcribe a continuación y cuya copia notariada está en mis archivos” (MARTÍNEZ, 2004:74).

edição Garnier, sob o título de *Varones ilustres*, e o *Martín Fierro*, de José Hernández¹⁰.

No horizonte em que nos situamos, o entrecruzamento das memórias (porque resultantes da memória de Perón, do relato em primeira pessoa) e da biografia (porque se trata das memórias reelaboradas pelas intervenções de López Rega e pela escrita em terceira pessoa, a cargo do jornalista que as escutou e as gravou) admite empreender discussão sobre as relações históricas e sociais que se imbricam aos meios através dos quais o sujeito é lembrado ou esquecido individualmente no decorrer do tempo. Sua vinculação com distintos movimentos e grupos não se desatrela da trajetória pessoal, igualmente entendida como documento e expressão político-cultural.

Assim, a carreira na caserna revela-se como fio condutor do discurso de Perón, parecendo sobrepor-se ao plano afetivo-familiar, de tal modo que, ao falar da árvore genealógica, ele ressalta:

Meu pai era filho do Sr. Tomás L. Perón, médico e doutor em química. A vida desse avô está semeada de honrarias: foi senador nacional do partido de Mitre pela província de Buenos Aires, presidente do Departamento Nacional de Saúde, que ele mesmo havia criado, e enfermeiro chefe do Exército na guerra do Paraguai. Desempenhou várias missões no estrangeiro, especialmente na França, onde viveu algum tempo, e participou da batalha de Pavón¹¹.

O narrador-personagem comenta a morte do pai aos 61 anos, em 1928, frisando o posto que então ocupava na hierarquia militar: de capitão. Benita Escudero de Toledo, casada com um primo-irmão do político argentino, confirma o ano de falecimento do pai dele, Mario Tomás Perón, ao mesmo tempo em que acrescenta outro dado às pesquisas de Martínez, suplementando as “memórias” daquele, como é o objetivo de seu testemunho, ao informar que a viúva, Juana Perón, conheceu Marcelino Canosa em 1931 e

por volta do ano de 1936 ou 37 se casou com ele porque se sentia muito sozinha [...] Canosa era uns vinte anos mais jovem que ela – se tivesse sido um homem de cidade, não se casaria –, mas os dois se viram sozinhos, ele por ser jovem e ela por haver perdido as esperanças. Perón não gostou nem um pouco disso e esteve por um longo tempo desgostoso com dona Juana, mas nós jamais lhe dissemos uma palavra sobre isso nem ele mesmo falou sobre tal assunto.¹²

A citação confirma os atributos limitadores da memória, “sua textura frágil, parcial, manipulada e descontínua, pela erosão do tempo, pela acumulação de experiências, pela impossibilidade real de reter a totalidade dos fatos e, em todo caso, pela ação do presente

sobre o passado”.¹³ Dentre as seções de “*Las memorias de Puerta de Hierro*” que dão ciência da vida de Perón entre o poder e a derrocada, em 1955, o subcapítulo dedicado a “*Evita*” (MARTÍNEZ, 2004: 49-54) evidencia o caráter de seleção empregado na narrativa, bem como a submissão da memória e da história ao desejo de autoglorificação do memorialista: “Eva Perón é um produto meu. Eu a preparei para que fizesse o que fez. Necessitava dela no setor social de minha condução. E seu trabalho ali foi extraordinário”.¹⁴

Essa afirmação se reitera em passagem impregnada de um sexismo que atribui à mulher a função de objeto e na qual o narrador reforça a ideia de que ela foi mero produto seu, uma partícula no que considera “o conjunto da arte da condução”:

Deve-se despertar, na mulher, as duas forças extraordinárias que são a base de sua intuição: a sensibilidade e a imaginação. Quando esses atributos se desenvolvem, a mulher se converte em um instrumento maravilhoso. Claro, é preciso dar-lhe também um pouquinho de conhecimento [...] A ação de Eva foi antes de tudo social: essa é a missão da mulher. No campo político, reduziu-se a organizar a ala feminina do Partido Peronista. Dentro do movimento, eu tive a condução do conjunto; ela, a dos setores feminino e social.¹⁵

Ainda que dedique maior espaço textual a Eva Perón, como não poderia ser diferente, dada a dimensão que essa figura tomou na história, o memorialista não deixa de

¹⁰ “*las cartas a su hijo y a su ahijado, de Philip Stanhope, conde de Chesterfield; las Vidas paralelas de Plutarco en la edición Garnier, bajo el título de Varones ilustres, y el Martín Fierro, de José Hernández*” (MARTÍNEZ, 2004:34-35).

¹¹ “*Mi padre era hijo de don Tomás L. Perón, médico y doctor en química. La vida de ese abuelo está sembrada de honores: fue senador nacional (mitrista) por la provincia de Buenos Aires, presidente del Departamento Nacional de Higiene, que él mismo había creado, y practicante mayor del Ejército en la guerra del Paraguay. Desempeñó varias misiones en el extranjero, especialmente en Francia, donde vivió algún tiempo, y participó en la batalla de Pavón*” (MARTÍNEZ, 2004:21).

¹² “*hacia el año '36 o '37 se casó con él porque se veía muy sola [...] Canosa era como veinte años menor que ella – si hubiera sido un hombre de ciudad, ése no se casa –, pero se vieron los dos solos, él por joven y ella por haber perdido las esperanzas. A Perón no le gustó nada y estuvo un largo tiempo disgustado con doña Juana, pero jamás le dijimos una palabra ni habló del tema*” (MARTÍNEZ, 2004:98).

¹³ “*su textura frágil, parcial, manipulada y discontinua, por la erosión del tiempo, por la acumulación de experiencias, por la imposibilidad real de retener la totalidad de los hechos y, en todo caso, por la acción del presente sobre el pasado*” (CUESTA BUSTILLO, 1998:206).

¹⁴ “*Eva Perón es un producto mío. Yo la preparé para que hiciera lo que hizo. La necesitaba en el sector social de mi conducción. Y su labor allí fue extraordinaria*” (MARTÍNEZ, 2004:49).

¹⁵ “*En la mujer hay que despertar las dos fuerzas extraordinarias que son la base de su intucción: la sensibilidad y la imaginación. Cuando esos atributos se desarrollan, la mujer se convierte en un instrumento maravilloso. Claro, es preciso darle también un poquito de conocimiento [...] La acción de Eva fue ante todo social: ésa es la misión de la mujer. En lo político, se redujo a organizar la rama femenina del Partido Peronista. Dentro del movimiento, yo tuve la conducción del conjunto; ella, la de los sectores femenino y social*” (MARTÍNEZ, 2004:51-52).

se referir a María Estela Martínez Cartas, a Isabelita. A terceira esposa integrará a fórmula presidencial em 1973 e o substituirá como presidente da Argentina após sua morte, a 01 de julho de 1974:

Alguém que também chegou longe com a aprendizagem é minha nova mulher, Isabelita. Um dia, quando nomearam filho ilustre de Arévalo a meu amigo Emilio Romero, ele falou de mim em seu discurso e do que meu governo havia feito pela Espanha em um momento difícil. Isabelita se emocionou e se pôs a chorar. Tiraram uma fotografia dela, com expressão de pranto, que conservo acima de minha escrivaninha. Nessa sensibilidade, está a base da ação de toda mulher¹⁶.

Esse ponto de vista, sintomático pela brevidade da referência a Isabelita, se correlaciona com as exíguas abordagens a outras mulheres de sua vida: “Minha mãe morreu quase aos oitenta, quando eu estava na segunda presidência. Em 1928, casei-me com Aurelia Tizón. Era uma moça muito boa, tocava violão muito bem. Infelizmente, faleceu jovem”¹⁷. Notamos aqui a propriedade da substituição dos títulos, de *Las memorias del General* para *Las vidas del General*, pois sobre a família, as amizades e a vida social do sujeito do enunciado, muitas vezes, da enunciação, predomina sua identidade como político e, acima dessa, como militar.

Por sua vez, o caráter público do gênero memorialístico, responsável por diferenciá-lo do gênero autobiográfico, de traço mais intimista, se exemplifica na seguinte citação, em que a história ocidental é submetida à história argentina, numa clara e risível deturpação da memória, a favor da propaganda personalista:

O que aconteceu em 1945 foi o que depois os franceses inventaram em maio de 1968. Eles aplicaram nossas mesmas ideias, empregaram as mesmas palavras: ‘Somos guerrilheiros contra os que nos querem vender a morte climatizada com o título de porvir’, ‘A sociedade consumista deve morrer de morte violenta’, ‘A imaginação ao poder’. Tudo isso já havia sido dito por nós 20 anos antes¹⁸.

Perón entremeia muitos pontos de sua doutrina à organização das lembranças, ciente de que o texto a circular em periódico de repercussão nacional na Argentina funcionaria como mais um dos aliados na pavimentação de seu retorno à presidência desse país. Ele discorre sobre idealismo e liberação político-econômica, o que significa libertar-se das forças que o depuseram em 1955, quer dizer, de uma “sinarquia internacional” da qual fariam parte “o capitalismo, o sionismo, o comunismo, a maçonaria e o clero tradicional, apoiados pelos capachos dos estrangeiros”¹⁹. A pesquisa documental realizada por

Martínez prova que “a terceira posição” defendida pelo memorialista resulta, de fato, numa segunda posição diante da geopolítica internacional ao tempo da Guerra Fria. Ocorre que, quando morou na Venezuela, entre agosto de 1956 e janeiro e 1958, Perón

havia escrito a ditadores latinoamericanos durante seu exílio, propondo-lhes formar uma coaligação contra o comunismo. Essa coleção de cartas, resgatada por jornalistas de *El Nacional*, foi primeiro entregue ao arquivo do jornal e, depois, confiada ao arquivo pessoal de um de seus donos, o romancista venezuelano Miguel Otero Silva²⁰.

O espaço das “memórias” é tomado pela definição da “teoria dos anticorpos”, assim resumida pelo líder para justificar a postura que adotou com “traidores” da classe trabalhadora e do movimento peronista: “[...] quando os dirigentes vêm me pedir a cabeça desses homens, respondo-lhes que não façam nada. Esses homens são úteis. Nas organizações institucionais, acontece o mesmo que no corpo humano: salvam-se graças às autodefesas”²¹. A intencionalidade proselitista praticamente oculta um fato memorável, que transita da esfera individual à história nacional e é apenas tangenciado: “Nunca intervi nas discussões políticas, nem sequer quando quiseram me levar de volta à Argentina sem medir bem as consequências”²².

Outra vez, é o trabalho de investigador feito por Martínez que se responsabiliza pelo esclarecimento da

¹⁶ “Alguien que también ha llegado lejos con el aprendizaje es mi nueva mujer, Isabelita. Un día, cuando nombraron hijo ilustre de Arévalo a mi amigo Emilio Romero, él habló de mí en su discurso y de lo que mi gobierno había hecho por España en un momento difícil. Isabelita se emocionó y se puso a llorar. Le sacaron una fotografía, con expresión de llanto, que tengo arriba de mi escritorio. En esa sensibilidad está la base de la acción de toda mujer” (MARTÍNEZ, 2004:54).

¹⁷ “Mi madre murió casi de ochenta, cuando andaba yo por la segunda presidencia. En el 28 me casé con Aurelia Tizón. Era muy buena chica, concertista de guitarra. Tocaba muy bien. Desgraciadamente falleció joven” (MARTÍNEZ, 2004:38).

¹⁸ “Lo que sucedió en 1945 fue lo que después inventaron los franceses en mayo de 1968. Ellos pusieron en marcha nuestras mismas ideas, emplearon las mismas palabras: ‘Somos guerrilleros contra los que nos quieren vender la muerte climatizada con el título de porvenir’, ‘La sociedad de consumo debe morir de muerte violenta’, ‘La imaginación al poder’. Todo eso ya había sido dicho por nosotros veinte años antes” (MARTÍNEZ, 2004:55).

¹⁹ “el capitalismo, el sionismo, el comunismo, la masonería y el clero tradicional, apoyados por los cipayos” (MARTÍNEZ, 2004:58).

²⁰ “había escrito a dictadores latinoamericanos durante su exilio, proponiéndoles formar una coalición contra el comunismo. Esa colección de cartas, rescatada por periodistas del diario *El Nacional*, fue primero entregada al archivo del diario y, luego, confiada al archivo personal de uno de sus dueños, el novelista venezolano Miguel Otero Silva” (MARTÍNEZ, 2004:110).

²¹ “[...] cuando los dirigentes vienen a pedirme la cabeza de esos hombres, les contesto que no hagan nada. Esos hombres son útiles. En las organizaciones institucionales sucede lo que en el cuerpo humano: se salvan gracias a las autodefensas” (MARTÍNEZ, 2004:63).

²² “Nunca intervine en las discusiones políticas, ni siquiera cuando quisieron llevarme de vuelta a la Argentina sin medir bien las consecuencias” (MARTÍNEZ, 2004:63).

história. Intencionalmente ou não, a memória do narrador-personagem falha, conduzindo-o de sujeito da enunciação a sujeito do enunciado:

Em primeiro de dezembro de 1964, Perón tentou voltar à Argentina desde seu exílio madrilense no voo 991 da Iberia. Os responsáveis do que passaram a chamar ‘Operação Retorno’ eram Delia Degliuomini de Parodi, Jorge Antonio, Alberto Iturbe, Carlos Lascano e os dirigentes sindicais Andrés Framini y Augusto Vandor. Este último, que ambicionava ficar à frente do movimento peronista enquanto Perón continuasse no exílio foi, paradoxalmente, quem organizou todos os detalhes da ‘Operação’. O objetivo do grupo era descer em Montevidéu e, desde ali, tomar um voo *charter* a Assunção do Paraguai, onde o General pensava estabelecer-se até que um levante popular na Argentina anulasse a oposição militar e forçasse sua volta. Perón saiu da ‘Quinta 17 de Outubro’ de Madrid escondido no porta-malas de um automóvel Mercedes Benz e abordou o avião em Barajas à uma da madrugada do dia dois de dezembro. Quando aterrissou no aeroporto de Rio de Janeiro na manhã seguinte, o governo do Brasil – respondendo a uma solicitação diplomática do governo constitucional argentino – impediu-o de seguir viagem e o obrigou a voltar à Espanha nessa mesma noite, no mesmo avião da Ibéria²³.

As convicções do general marcam a disposição de sua memória sobre o assassinato do testa-de-ferro da “Operação Retorno”: “Eu não sei quem atirou, mas sei quem mandou atirar. Não foram seus inimigos do sindicato. Vandor foi assassinado pela CIA e pelo governo argentino”²⁴. A informação, contudo, é imprecisa. Demonstrando o ponto em que a ficção se sobrepõe à memória dos acontecimentos, a nota de rodapé n. 30, aposta pelo autor da coletânea, esclarece que, à época, “nenhuma organização havia reivindicado o assassinato de Augusto Timoteo Vandor, em junho de 1969. Em 1972, atribuiu-se o crime a uma pequena fração de Montoneros, o Exército Nacional Revolucionário cuja condução foi assumida por Dardo Cabo”²⁵.

As concepções de Perón sobre o país e seus prováveis planos para governá-lo novamente subtraem ao texto seu caráter memorialístico: “Agora [1970], o país se move às custas da saúde e da vida de seus habitantes. As obras públicas se financiam à base de uma dívida externa de mais de quatro bilhões e quinhentos milhões de dólares [...]”²⁶ – para só então falar sobre suas gestões frente à Argentina: “Todos estavam melhores sob meu governo. Até os proprietários de terras ganhavam mais, muito mais. Os pobres eram menos pobres e os ricos eram mais ricos”²⁷. O mesmo expediente é utilizado na avaliação do presidente Juan Carlos Onganía: “[...] pretende solucionar os problemas e não sabe como”²⁸.

Depois de expressar sua doutrina – “Do econômico provém o afetivo, porque a víscera mais sensível do homem é o bolso, e não o coração”²⁹ –, o líder argentino retorna ao plano das memórias, mas para fazer propaganda da política econômica de suas administrações: “Quando lançamos o primeiro Plano Quinquenal, havia 800 mil desempregados. Em três meses, empregaram-se todos, e os salários começaram a subir. Quando subiram, a economia popular se tonificou enormemente e o consumo deu um salto”³⁰.

O último subcapítulo de “Las memorias de Puerta de Hierro”, intitulado “*El ejército y la historia*”, inaugura-se pela avaliação: “Quem não me compreendeu foi o Exército. Não me compreendeu por medo. Ainda tem medo de que, se recuperarmos o poder, venhamos a cortar seu pitéu”³¹. Então, as memórias que deveriam ser de Perón se voltam à história remota da nação argentina: “[...] houve duas linhas muito claras: a que obedece ao imperialismo britânico, e a nacional, a linha hispânica. Quando os países da América se libertam, os ingleses já

²³ “*El 1º de diciembre de 1964, Perón intentó regresar a la Argentina desde su exilio madrileño en el vuelo 991 de la línea Iberia. Los responsables de lo que se dio en llamar ‘Operación Retorno’ eran Delia Degliuomini de Parodi, Jorge Antonio, Alberto Iturbe, Carlos Lascano y los dirigentes sindicales Andrés Framini y Augusto Vandor. Este último, que ambicionaba quedarse al frente del movimiento peronista mientras Perón siguiera en el exilio fue, paradójicamente, quien organizó todos los detalles de la ‘Operación’. El objetivo del grupo era bajar en Montevideo y, desde allí, tomar un vuelo charter a Asunción del Paraguay, donde el General pensaba establecerse hasta que un alzamiento popular en la Argentina anulara la oposición militar y forzara su regreso. Perón salió de la quinta ‘17 de Octubre’ de Madrid escondido en el baúl de un automóvil Mercedes Benz y abordó el avión en Barajas a la una de la madrugada del 2 de diciembre. Cuando aterizó en el aeropuerto de Río de Janeiro a la mañana siguiente, el gobierno del Brasil – respondiendo a una solicitud diplomática del gobierno constitucional argentino – le impidió seguir viaje y lo obligó a volver a España esa misma noche, en el mismo avión de Iberia*” (MARTÍNEZ, 2004:115).

²⁴ “*Yo no sé quién le pegó los tiros, pero sé quién los mandó pegar. No fueron sus enemigos dentro del campo sindical. A Vandor lo asesinaron la CIA y el gobierno argentino*” (MARTÍNEZ, 2004:66).

²⁵ “*ninguna organización había reivindicado el asesinato de Augusto Timoteo Vandor, en junio de 1969. En 1972, fue atribuido a una pequeña fracción de Montoneros, el Ejército Nacional Revolucionario, cuya conducción asumió Dardo Cabo*” (MARTÍNEZ, 2004:66).

²⁶ “*Ahora, el país se mueve a costa de la salud y de la vida de sus habitantes. Las obras públicas se financian a base de una deuda externa de más de cuatro mil quinientos millones de dólares [...]*” (MARTÍNEZ, 2004:67).

²⁷ “*Todos estaban mejor bajo mi gobierno Hasta los terratenientes ganaban más, mucho más. Los pobres eran menos pobres y los ricos eran más ricos*” (MARTÍNEZ, 2004:67).

²⁸ “[...] *pretende solucionar los problemas y no sabe cómo*” (MARTÍNEZ, 2004:69).

²⁹ “*De lo económico proviene lo afectivo, porque la víscera más sensible del hombre es el bolsillo, no el corazón*” (MARTÍNEZ, 2004:69).

³⁰ “*Cuando lanzamos el primer Plan Quinquenal, había ochocientos mil desocupados. En tres meses se ocuparon todos, y los salarios empezaron a subir. Cuando subieron, la economía popular se tonificó enormemente, y el consumo pegó un estirón para arriba*” (MARTÍNEZ, 2004:70).

³¹ “*El que no me comprendió fue el Ejército. No me comprendió por miedo. Todavía tiene miedo de que, si recuperamos el poder, le quitemos la pitanza*” (MARTÍNEZ, 2004:71).

estão começando a montar seu império sobre os despojos do império espanhol”³².

O retorno da narrativa às memórias do general não se dá sem entremear-se à história-pátria:

Quando, em 1947, as Nações Unidas ordenaram o bloqueio contra Espanha, convoquei uma reunião urgente de gabinete para discutir o tema. Meu chanceler era o doutor Atilio Bramuglia, de extração socialista, que não simpatizava com a Espanha. Contudo, eu disse que, se sustentávamos a linha hispânica, devíamos apoiar esse país, independentemente de seu governo: Franco ou qualquer outro. Eu sabia que quem ia sofrer a fome não era Franco, mas o povo espanhol. Eu, com o voto argentino, rompi a unanimidade da qual se necessitava para o isolamento diplomático e evitei o bloqueio. Em compensação, os espanhóis, a cada vez que puderam, me viraram as costas³³.

Perón deixa uma espécie de mensagem logo ao encerrar suas memórias, como visto, interpoladas por López Rega e repaginadas por Martínez: “Não me arrependo do itinerário que segui na vida, porque sempre pude dormir sem remorsos. Assim como não nasce o homem que escape a seu destino, não deveria nascer o homem que não tenha uma causa pela qual lutar”³⁴. As intervenções do jornalista se responsabilizam por uma espécie de contraponto à memória individual. Aqueles momentos nos quais o autor caracteriza Perón em terceira pessoa fazem com que o discurso narrativo transite das memórias à biografia, como no caso seguinte: “Soube então que o General era filho ilegítimo. Em princípios do século, isso poderia arruinar sua carreira no exército. Soube também que, ao se casar em 1901, os pais haviam-no reconhecido, bem como seu irmão Mario Avelino, quatro anos mais velho”³⁵.

Martínez preocupa-se em contrapor, ao relato memorialístico de Perón, fontes documentais que o ajudam a compor um tipo de retrato biográfico. Nessa relação em que memória e história se encontram e desencontram, Lucette Valensi (1998) faz-nos lembrar que a história, sendo uma atividade cognitiva, viabiliza

os meios de conhecer o passado e de compreendê-lo. O saber que produz não é menos social em sua recepção do que em seus usos. Na medida em que as sequências do passado formam nossa identidade narrativa, na medida em que nos dizem o que somos, a reinterpretação do passado é um trabalho sempre a reelaborar³⁶.

Em nossos tempos, a historiografia não prescinde da memória, exercendo sobre os testemunhos todo o controle e rigor característicos dos métodos dos historiadores.

Como reitera Josefina Cuesta Bustillo (1998), “a escolha, o interesse e a focalização do presente avalizam a especificidade dos lugares da memória”³⁷. Do mesmo modo que a história se intersecciona aos registros orais ou escritos capazes de desencavar lembranças passadas, “a variação do significado e da definição de um conceito dado pelos sujeitos das análises, como biografia e autobiografia, variam as interpretações e as relações feitas sobre o objeto” (SCHEINER, 2001).

Tanto no gênero biográfico quanto em textos de cunho biográfico, o sujeito do enunciado pode se revelar autobiograficamente através dos depoimentos fornecidos por seu equivalente sujeito histórico. A composição biográfica também faz uso dos testemunhos alheios e dos arquivos, a cada momento, passíveis de serem descobertos, reabertos, recompostos. A acumulação heteróclita da memória, revelada pela escrita (auto)biográfica, faz-se paralela ao arquivo, lugar “em que os rastros são frequentemente fragmentários e a parte somente adquire sentido frente a uma totalidade hipotética, ainda que inalcançável” (ARFUCH, 2009:374). Desse modo, a ordem dos registros históricos sobre a Argentina dos anos 1970 não deixa de se nortear pela leitura e a interpretação dos artigos ora estudados: “Depois de três décadas, muitas das paixões que Perón acendeu se apagaram, e sua história – sobretudo a elusiva história de sua juventude – pode, talvez, ser lida sem preconceitos”³⁸.

Uma das características do gênero biográfico, segundo se apresenta na modernidade tardia, consiste no

³² “[...] *hubo dos líneas muy claras: la que obedece al imperialismo británico, y la nacional, la línea hispánica. Cuando se liberan los países de América, ya los ingleses están comenzando a montar su imperio sobre los despojos del imperio español*” (MARTÍNEZ, 2004:71-72).

³³ “*Cuando en 1947 las Naciones Unidas ordenaron el bloqueo contra España, yo convoqué a una reunión urgente de gabinete para discutir el tema. Mi canciller era el doctor Atilio Bramuglia, de extracción socialista que no simpatizaba con España. Pero yo dije que, si nosotros sosteníamos la línea hispánica, debíamos apoyar a ese país, fuera cual fuese su gobierno: Franco o cualquier otro. Yo sabía que quien iba a sufrir el hambre no era Franco sino el pueblo español. Yo, con el voto argentino, rompí la unanimidad que se necesitaba para el aislamiento diplomático, y evité el bloqueo. En cambio los españoles cada vez que han podido me han vuelto la espalda*” (MARTÍNEZ, 2004:72).

³⁴ “*No me arrepiento del itinerario que seguí en la vida, porque siempre pude dormir sin remordimientos. Así como no nace el hombre que se escape a su destino, no debiera nacer el hombre que no tenga una causa por la cual luchar [...]*” (MARTÍNEZ, 2004:73).

³⁵ “*Supe entonces que el General era hijo ilegítimo, lo que a comienzos de siglo hubiera podido arruinar su carrera en el Ejército. Supe también que, al casarse en 1901, los padres lo habían reconocido a él y a su hermano Mario Avelino, cuatro años mayor*” (MARTÍNEZ, 2004:19).

³⁶ “[...] *los medios de conocer el pasado y de comprenderlo. El saber que produce no es menos social en su recepción que en sus usos. En la medida en que las secuencias del pasado forman nuestra identidad narrativa, en la medida en la que nos dicen lo que somos, la reinterpetación del pasado es un trabajo siempre por reelaborar*” (VALENSI, 1998:68).

³⁷ “*la elección, el interés y la focalización del presente avalan la especificidad de los lugares de la memoria*” (CUESTA BUSTILLO, 1998:221).

³⁸ “*Después de tres décadas, muchas de las pasiones que Perón encendió se han apagado, y su historia- sobre todo la elusiva historia de su juventud- puede, tal vez, ser lida sin prejuicios*” (MARTÍNEZ, 2004:20).

fato de os biógrafos não reprimirem a tentação de narrar a si mesmos quando envolvidos na abordagem de uma vida. É assim que, ao escutar o ex-condutor dos destinos argentinos, entre os intervalos de sua voz e de seu braço direito, López Rega, o repórter se converte em biógrafo, ao mesmo tempo em que fala de si mesmo, como alguém que viveu aquele período histórico, o que fica patente desde o começo de *Las vidas del General*, já em seu prólogo:

Parecia-me que o texto tinha muitas lacunas e que, como toda biografia autorizada, era demasiadamente serviçal. Voltei à Argentina nos primeiros meses de 1971, decidido a preencher os vazios. Entrevistei dois amigos da infância do General (um dos quais era sua prima-irmã), ex-companheiros de turma no Colégio Militar, uma de suas ex-cunhadas – Maria Tizón – e dezenas de testemunhas de outros episódios de seu passado. Como os dados que Perón havia me dado sobre seu pai em Lobos eram imprecisos e contraditórios, consegui, no cartório, uma cópia da certidão de casamento de Mario Tomás Perón com Juana Sosa³⁹.

As constantes intervenções do jornalista nas “desmemórias” levam-no à tentativa de dedicar ao general um texto majoritariamente biográfico. Entretanto, no artigo “*Perón y sus novelas*” (MARTÍNEZ, 2004:123-134), esclarece porque recicla as “*Memorias del semanario Panorama*” e “*Las Memorias de Puerta de Hierro*” no romance *La novela de Perón*:

Entre 1970 e 1974 publiquei em Buenos Aires umas memórias de Perón que o próprio Perón sancionou como legítimas e que os historiadores costumam usar como fonte principal para suas investigações. Eu havia gravado esse conjunto de memórias durante um total de 32 horas, entre 1966 e 1970. Quando compaginei as gravações, percebi que Perón havia omitido fatos importantes e que em alguns casos havia tergiversado, ordenando-os sob uma luz mais favorável. Ao enviar para ele a versão final para que a aprovasse, anexei uma série de notas de rodapé na qual dava ciência das omissões e inexatidões observadas. Perón me devolveu o texto final das memórias sem correção alguma. Queria as memórias que ele havia ditado, e ponto final. Minha alternativa então era publicar o texto tal como o exigia, visto que se tratava de um texto autobiográfico, ou jogar minha pesquisa adicional ao lixo. Naquele momento, quando ainda estava no exílio, Perón se interessava muito mais em forjar o próprio monumento (ou, para dizer de um modo mais benévolo, estabelecer sua verdade política como verdade última, aquela única verdade que para ele se confundia com a realidade) do que se resignar à verdade histórica⁴⁰.

O escritor tenta responder a si mesmo uma pergunta intrigante: por que converte o sujeito de suas investigações

e escritas em protagonista de uma obra romanesca, quando dispõe de material suficiente para compor uma biografia? Mais adiante, no quarto capítulo de *Las vidas del General*, “*Días de exilio en Madrid*” (MARTÍNEZ, 2004:171-178), apresenta uma declaração que não fazia parte de *Las memorias del General*:

Este relato sobre a vida cotidiana de Perón na Espanha nasceu como fragmento da biografia que comeci a escrever em 1974, com a suspeita de que, se persistisse nesse gênero, terminaria por compor um livro inverossímil. A ilusão da biografia durou poucos meses. Em meados daquele ano, decidi publicar alguns fragmentos como ensaios jornalísticos e transfigurar os outros dados em um romance. Minhas anotações apareceram no jornal *La Opinión* a dois de julho de 1974, o dia seguinte à morte de Perón⁴¹.

O artigo em grifo, à moda de um pequeno relato biográfico, revela a tranquila vida do político no exílio, usando o discurso em terceira pessoa para informar sobre suas primeiras moradias e a construção da “Quinta 17 de Octubre”. Logo a seguir, a consciência acerca da sobreposição dos planos do narrador e do memorialista, quer dizer, sobre a reelaboração da história de um eu pelo outro que narra, se mostra no momento em que o discurso indireto convive com o direto:

³⁹ “*Me parecía que el texto tenía demasiadas lagunas y que, como toda biografía autorizada, era demasiado servicial. Volví a la Argentina en los primeros meses de 1971, decidido a llenar los vacíos. Entrevisté a dos amigos de la infancia del General – uno de los cuales era su prima hermana-, a ex compañeros de promoción en el Colegio Militar, a una de sus ex cuñadas- María Tizón- y a decenas de testigos de otros episodios de su pasado. Como los datos que Perón me había dado sobre su padre en Lobos eran imprecisos y contradictorios, conseguí en el Registro Nacional de las Personas una copia de la partida del matrimonio de Mario Tomás Perón con Juana Sosa*” (MARTÍNEZ, 2004:18-19).

⁴⁰ “*Entre 1970 y 1974 publiqué en Buenos Aires unas memorias de Perón que el propio Perón sancionó como legítimas y que los historiadores suelen usar como fuente principal para sus investigaciones. Yo había grabado ese conjunto de memorias durante un total de treinta e dos horas, entre 1966 y 1970. Cuando compaginé las grabaciones, advertí que Perón había omitido hechos importantes y que en algunos casos los había tergiversado, ordenándolos bajo una luz más favorable. Al enviarle la versión final para que la aprobase, adjunté una serie denotas al pie de página en la que dejaba constancia de las omisiones e inexactitudes observadas. Perón me devolvió el texto final de las memorias sin corrección alguna. Queria las memorias que él había dictado, y punto. Mi alternativa era entonces publicar el texto tal como lo exigía, puesto que se trataba de un texto autobiográfico, o arrojar mi investigación adicional a la basura. En aquel momento, cuando aún estaba en el exilio, a Perón le interesaba más forjar su propio monumento (o, para decirlo de un modo más benévolo, establecer su verdad política como verdad última, única, aquella única verdad que para él se confundía con la realidad) antes que resignarse a la verdad histórica*” (MARTÍNEZ, 2004:127-128).

⁴¹ “*Este relato sobre la vida cotidiana de Perón en España nació como fragmento de la biografía que comencé a escribir en 1974, con la sospecha de que, si persistía en ese género, terminaría por componer un libro inverosímil. La ilusión de la biografía duró pocos meses. A mediados de aquel año, decidí publicar algunos fragmentos como ensayos periodísticos y transfigurar los otros datos en una novela. Mis apuntes aparecieron en el diario *La Opinión* el 2 de julio de 1974, al día siguiente de la muerte de Perón*” (MARTÍNEZ, 2004:173).

Quis comprar uma terreno extenso, nove quilômetros ao noroeste da avenida Arce: não tinha o selvagismo da pampa onde havia crescido, mas ao menos era uma terra brava, tomada pelas ervas daninhas e com a paisagem a meio fazer. Ao vê-la, pensou que era ‘muito seca e pouco favorável para as plantas’, e gostou que a umidade da qual provinha o ajudasse a domesticar este abrigo estrangeiro e a lhe impor suas manhas⁴².

A mesma incidência é repetida pelo narrador que, desta vez entretanto, dispõe seu discurso num parágrafo e o do protagonista, em outro:

Em 14 de abril de 1964, comprou a terra, mas isso foi depois de imaginar uma casa dentro dela.

‘Falarei de minha casa, como não. Eu havia construído tantas para os outros que decidi estar próximo quando fizesse esta para mim. Sentei-me a desenhar os planos e a calcular os materiais. Levamos seis meses para terminá-la [...]’⁴³.

Agora em discurso apenas indireto, os verbos no futuro do pretérito realçam a tentativa de transformar Isabelita em uma cópia de Evita:

Pensava pendurar ali o retrato de Isabel, em tamanho natural, pintado pelo espanhol Agustín Segura: o instalaria frente à lareira e, sobre ela, um espelho no qual o retrato poderia se duplicar. Ao lado, na prateleira da lareira, colocaria um postal colorido de Evita que a revelava triste e bela ao mesmo tempo, como na tarde de sua renúncia [à candidatura para vice-presidência da Argentina]⁴⁴.

O relato que parecia dar forma a um segmento de biografia (escrita de uma vida) abre parágrafo à história da cidade. Esse movimento relaciona-se a uma característica do gênero biográfico que consiste em localizar topicamente o sujeito do enunciado e associar sua representação à do espaço no qual está inserido:

Nos pergaminhos da *Villa y Corte de Madrid*, a paragem se chamava *Fuente de la Reyna*, mas a guerra civil já havia transformado o sentido daquele nome. Em 5 de janeiro de 1937, o exército nacionalista de Luis Orgaz y Yoldi havia assolado o bosque com levas de tanques e artilharia leve, forçando o retrocesso das brigadas de Lister. O capim tardou a crescer. Logo, em meio ao descampado, construíram as piscinas populares e o hipódromo da Zarzuela, de onde chegavam, nas tardes de domingo, as aclamações dos filhinhos de papai⁴⁵.

O espaço torna-se paralelo ao sujeito, ao mesmo tempo em que passado e presente se encontram:

Seu dormitório estaria entre o de Isabel e a biblioteca, onde pensava passar a maior parte de suas horas. ‘Levo a vida mais reservada que posso. Trabalho e escrevo muito neste quarto hospitaleiro, que isolei dos ruídos com um revestimento de madeira escura. E caminho: caminho pelo menos quatro quilômetros ao dia’⁴⁶.

Mais adiante, a voz do narrador majoritário é compartilhada com a voz do general, em tempos igualmente diferenciados: “O preço da terra foi estimado em 750 mil pesetas e o da casa, em 2.155.000. ‘Agora’, diz Perón muito tempo depois, em 1970, ‘querem me pagar dez vezes mais’”.⁴⁷ A mesma estratégia se repete, como a sinalizar para a confluência das perspectivas do biógrafo e do biografado, em uma pluralidade de identidades típica da “era hermenêutica” do gênero biográfico (cf. DOSSE, 2007:297-362): “Perón costumava se levantar às sete da manhã. Gostava que o sol entrasse sem melindres no dormitório enquanto ele sintonizava a *Radio Nacional de España* e escutava o noticiário matinal, ‘muito bem feito embora fale pouco de nosso país, uma infelicidade’”.⁴⁸ É o que também acontece nesta passagem: “Acima de tudo, encantavam-lhe os faroestes, mas jamais atentou

⁴² “*Quiso comprar una tierra que era puro campo, nueve kilómetros al noroeste de la avenida Arce: no tenía el salvajismo de la pampa donde había crecido, pero al menos era una tierra brava, ganada por los yuyos y con el paisaje a medio hacer. Al verla, pensó que era ‘demasiado seca y poco favorable para las plantas’, y le gustó que la humedad de la que él provenía lo ayudase a domesticar este cobijo extranjero y a imponerle sus mañas*” (MARTÍNEZ, 2004:173-174).

⁴³ “*El 14 de abril de 1964 compró la tierra, pero eso fue después de imaginar una casa dentro de ella.*

‘Le hablaré de mi casa, cómo no. Yo había construído tantas para otros que decidí estar cerca cuando hiciera ésta para mí. Me senté a dibujar los planos y a calcular los materiales. Tardamos seis meses en terminarla [...]’ (MARTÍNEZ, 2004:174).

⁴⁴ “[...] *Pensaba colgar allí el retrato de Isabel, en tamaño natural, pintado por el español Agustín Segura: lo instalaría frente a la chimenea, y sobre ella un espejo en el que el retrato podría duplicarse. Al lado, en la repisa de la chimenea, haría sitio a una postal coloreada de Evita que la revelaba triste y bella a la vez, como en la tarde del renunciamento*” (MARTÍNEZ, 2004:175).

⁴⁵ “*En los pergaminos de la Villa y Corte de Madrid, el paraje se llamaba Fuente de la Reyna, pero la guerra civil había transformado ya el sentido de aquel nombre. El 5 de enero de 1937, el ejército nacionalista de Luis Orgaz y Yoldi había talado el bosque con oleadas de tanques y artillería ligera, forzando el retroceso de las brigadas de Lister. La hierba tardó en crecer. Luego, en medio del páramo, se construyeron las piletas populares y el hipódromo de la Zarzuela desde donde llegaban, en las tardes de domingo, las ovaciones de los señoritos*” (MARTÍNEZ, 2004:174).

⁴⁶ “*Su dormitorio estaría entre el de Isabel y la biblioteca, donde pensaba pasar la mayor parte de sus horas. ‘Llevo la vida más retenida que puedo. Trabajo y escribo mucho en este cuarto hospitalario, que he aislado de los ruidos con un revestimiento de madera oscura. Y camino: camino por lo menos cuatro kilómetros al día’*” (MARTÍNEZ, 2004:175-176).

⁴⁷ “*El precio de la tierra fue estimado en 750 mil pesetas y el de la casa en 2.155.000. ‘Ahora’, dice Perón mucho tiempo después, en 1970, ‘quieran pagarme diez veces más’*” (MARTÍNEZ, 2004:177).

⁴⁸ “*Perón acostumbraba levantarse a las siete de la mañana. Le gustaba que el sol entrara sin remilgos en el dormitorio mientras él sintonizaba Radio Nacional de España y escuchaba el noticiero del amanecer; ‘bastante bien hecho aunque se hable poco de nuestro país, por desgracia’*” (MARTÍNEZ, 2004:177).

ao diretor ou aos atores que figuravam no elenco. ‘O que busco é me distrair e descansar’, dizia”⁴⁹.

Figura já conhecida, López Rega é quem trata da agenda do general que, somente depois de aprová-la, faz sua caminhada matinal e, depois, almoça frugalmente: “sopa, algum grelhado com salada, nada de vinho. ‘Isso ocorre entre uma e meia e duas horas, depois de atender aos visitantes e de olhar a correspondência. Em seguida, fico um tempo na cama, mas não para dormir. Ali, continuo olhando as cartas e os jornais’ [...]”⁵⁰. O procedimento utilizado para descrever a rotina do ex-presidente, como os anteriores, vale-se das vozes interpostas do sujeito da enunciação e do sujeito do enunciado, assim também encerrando o relato: “Por volta de 1972, em San Sebastián, disse numa roda de imprensa que estava disposto a abandonar ‘a qualquer momento’ a casa e o parque nos quais ‘coloquei meus melhores empenhos de velho’. Disse, mas talvez nem ele mesmo acreditasse”⁵¹.

Nos artigos em estudo, Tomás Eloy Martínez oferece sua voz autobiográfica, por meio dos testemunhos que viabiliza acerca do tempo de Perón que, em parte, também foi seu tempo. Além de inserir o próprio testemunho de uma época, ainda fixa posições metanarrativas ao descrever episódios curiosos que envolvem a produção textual. Num processo através do qual a evasão das provas faz com que o jornalista e também ficcionista logo transforme seus contornos biográficos do ex-presidente argentino em possíveis metáforas de um país perdido, mostra-se consciente de que historiadores e biógrafos “estão condenados a expor fatos, dados e datas, a desentranhar o ser real de um homem através dos rastros sociais deixados por esse homem. Desculpam-se porque devem reduzir a infinitude de uma vida a um texto que é limitado e finito”⁵².

Referências

ARFUCH, Leonor. A auto/biografia como (mal de) arquivo. In: SOUZA, Eneida Maria de; Marques, Reinaldo. *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2009. p. 370-383.

CUESTA BUSTILLO, Josefina. Memoria e historia: un estado de la cuestión. In: CUESTA BUSTILLO, Josefina (Org.). *Memoria e historia*. Madrid: Marcial Pons, 1998. p. 203-224.

DOSSE, François. *La apuesta biográfica: escribir una vida*. Trad. de Josep Aguado y Concha Miñana. Valencia: PUV, 2007.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *Evita soy yo*. Entrevista concedida a Albor Rodríguez. 1996a. Disponível em: <www.el-nacional.com/archivedata/1996/06/09/215.htm>. Acesso em: 05 jun. 2011.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *Las memorias del General*. Buenos Aires: Planeta, 1996b.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *Las vidas del General*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2004.

MATTOS, Cristine Fickelsherer de. *En torno al lector en la obra de Tomás Eloy Martínez*. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero25/teloyma.html>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

NEIBURG, Federico. *Os intelectuais e a invenção do Peronismo: estudos de antropologia social e cultural*. Trad. de Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 1997.

SCHEINER, Viviane. Josefo, a retórica e as origens da biografia. In: CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS CLÁSSICOS, 2001.

VALENSI, Lucette. Autores de la memoria, guardianes del recuerdo, medios nemotécnicos. Cómo perdura el recuerdo de los grandes acontecimientos. In: CUESTA BUSTILLO, Josefina (Org.). *Memoria e historia*. Madrid: Marcial Pons, 1998. p. 57-68.

Recebido: 17 de março de 2013

Aprovado: 23 de abril de 2013

Contato: mitidierister@gmail.com

leticiaaguimaraes09@hotmail.com

shanbarros@gmail.com

⁴⁹ “Le apasionaban sobre todo los westerns, pero jamás se fijó en quién era el director o qué actores figuraban en el reparto. ‘Lo que busco es distraerme y descansar’, decía” (MARTÍNEZ, 2004:177-178).

⁵⁰ “una sopa, algún churrasco con ensalada, nada de vino. ‘Eso ocurre entre la una y media y las dos, luego de haber atendido a los visitantes y de revisar la correspondencia. Enseguida, me tiro un rato en la cama, pero no para dormir. Allí sigo revisando las cartas y los periódicos’ [...]” (MARTÍNEZ, 2004:178).

⁵¹ “Hacia 1972, en San Sebastián, dijo en una conferencia de prensa que estaba dispuesto a abandonar ‘en cualquier momento’ la casa y el parque en los que ‘puse mis mejores cuidados de viejo’. Lo dijo, pero quizá ni él mismo lo creía” (MARTÍNEZ, loc. cit.).

⁵² “[...] están condenados a exponer hechos, datos y fechas, a desentrañar el ser real de un hombre a través de las huellas sociales que ese hombre ha dejado. Se disculpan porque deben reducir la infinitud de una vida a un texto que es limitado y finito” (MARTÍNEZ, 2004:130-131).